



A atuação da Folha Online e do G1 na cobertura jornalística da influenza A (H1N1)¹

Ariadna Stralio²
Lilian Muneiro³
Bom Jesus- Ielusc/ UFRN

RESUMO

O presente trabalho apresenta investigação realizada em torno da cobertura jornalística dos sites Folha Online e G1 sobre a temática da influenza A (H1N1) durante o início da epidemia, em 2009. Traz à tona um olhar crítico sobre o *modus operandi* do jornalismo nas redações digitais, bem como analisa a forte atuação das fontes oficiais e o uso de informações contidas nos *releases* dos órgãos federais, estaduais e municipais de saúde.

PALAVRAS-CHAVE: gripe A (H1N1); jornalismo digital; apuração da notícia; reportagem.

Na era da globalização a imprensa tem papel fundamental na vida em sociedade. Vivemos num cenário propício para se gerar muito conteúdo que, em contrapartida, oferece poucas possibilidades de se processar um universo imensurável de informações. O jornalista cumpre, verdadeiramente, sua atribuição quando a partir das dúvidas que ecoam entre vários grupos de cidadãos sobre um determinado tema, mune a sociedade de informações relevantes, após uma seleção criteriosa, de acordo com os valores de noticiabilidade. Na imprensa escrita, no rádio ou na televisão, o tamanho da responsabilidade é o mesmo. A batalha pela credibilidade se constrói quando se fideliza o leitor.

Com o acesso facilitado a rede mundial de computadores e o uso do ciberespaço como ferramenta, o desenho do trabalho da imprensa ganhou outros contornos. O jornalismo digital⁴, inaugurado a partir de um novo suporte midiático, deriva de uma

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Ariadna Stralio², graduada em Jornalismo pelo Bom Jesus/Ielusc, email: ariadnastralio²@gmail.com

³ Lilian Muneiro, Doutora em Comunicação e Semiótica, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e integrante do grupo Espaço-Visualidade/Comunicação-Cultura (Espacc) da PUC /SP, email: lilianmuneiro@gmail.com

⁴ O primeiro site jornalístico brasileiro, o do Jornal do Brasil, foi criado em maio de 1995, seguido pela versão eletrônica do jornal O Globo. Na mesma época, a Agência Estado lançou sua página na internet. Em 9 de julho de 1995, entra na rede um dos sites jornalísticos em estudo: a Folha Web. O site publicava apenas uma parte dos textos do jornal impresso e ainda não era atualizado durante os finais de semana. O jornalismo on-line era simples assim: uma transposição do conteúdo do meio impresso para a versão *on-line*. O acesso gratuito à internet no Brasil, em



combinação da mídia antiga e da nova, que se completam e competem entre si. “Jornal, televisão, rádio e internet convergem para uma plataforma única.” (PENA, 2005, p.99).

E em meio a tantas possibilidades de escolha do fazer notícia na plataforma digital, o jornalista parece optar pela maneira simples e tradicional. Tal comportamento pode ser percebido no estudo de caso sobre a cobertura jornalística, compreendida entre 26 de abril e 4 de maio de 2009, da influenza A (H1N1) realizada pelos sites G1 e Folha Online, e apresentada a seguir. A pesquisa, baseada nos elementos apresentados em 270 matérias da Folha Online, publicadas no período mencionado, e em 90 notícias veiculadas pelo G1 no mesmo íterim, aborda aspectos importantes que buscam elucidar a cobertura jornalística digital pelos dois sites. Tão nova como a imprensa digital, a influenza A (H1N1) desafiou, em 2009, a comunidade médica, a população, os governantes e os profissionais da comunicação.

A influenza A (H1N1) é uma doença respiratória aguda (gripe), causada pelo vírus A (H1N1). O novo subtipo do vírus da influenza é transmitido de pessoa para pessoa, principalmente, por contágio direto: gotículas de espirro ou tosse ou contato com objetos ou superfícies contaminadas pelas secreções respiratórias.

Apesar de ter sido denominada inicialmente de gripe suína, a influenza não é transmitida por porcos. O vírus que causa as contaminações é uma mutação genética H1N1, que até então só havia sido detectada nos suínos – por isso o nome. Após o primeiro contágio, do porco para o homem, o vírus passou a ser transmitido de pessoa para pessoa, como uma gripe tradicional. No Brasil, a influenza A (H1N1) é oficialmente denominada, pelo Ministério da Saúde, como “influenza pandêmica”. Outros países utilizam outros nomes para a mesma gripe. Os EUA, por exemplo, se referem à gripe como “Flu 2009 (H1N1)”.

Segundo os relatos reiterados pelo site G1 e pela Folha Online, *sites* cujas matérias foram estudadas para a produção deste artigo, a gripe A (H1N1) surgiu no povoado de La Gloria, no estado mexicano de Veracruz. Os três mil moradores da pequena cidade começaram a adoecer em fevereiro de 2009. Quando os funcionários da saúde pública chegaram ao local, em 23 de março, para investigar os casos, 1.300 pessoas procuraram ajuda médica. Destas, cerca de 450 tiveram diagnóstico de

2000, impulsionou a formação de leitores virtuais e a criação de sites de notícias. Ainda em 1995, a Folha Web dá lugar à edição eletrônica da Folha de São Paulo e ao jornalismo em tempo real da Folha Online. Em março de 2000, a Folha Online passa por uma reforma visual. A reestruturação atinge também a redação, que passa a contar com jornalistas que mantêm o site atualizado 24 horas por dia. (PINHO, 2003).



síndrome respiratória aguda grave e receberam recomendação de repouso, com antibióticos e máscaras cirúrgicas.

Outra versão dá conta de que o vírus A (H1N1) surgiu nos Estados Unidos. Reportagem televisiva exibida no telejornal Bom Dia Brasil⁵, da TV Globo, no dia 28 de abril de 2009, relata que “em 1976, o primeiro surto registrado de gripe suína provocou pânico nos Estados Unidos. Soldados de uma base militar de Nova Jersey foram infectados, um morreu. Mas, até hoje, não se sabe como a doença começou e depois desapareceu”. A reportagem não foi publicada no site G1, principal portal de notícias da rede Globo.

Acredita-se que o fato foi pouco difundido porque a experiência dos Estados Unidos no combate ao surto de 1976 foi um fracasso, conforme anuncia manchete de texto da Folha Online, publicada em dois de maio de 2009: “Em 1976, vacina matou mais do que surto de gripe suína nos EUA”. Apesar desta outra versão, o México foi classificado, reiteradas vezes, como país origem da doença. Para além destes relatos dissonantes sobre a origem da gripe, em 2009, outras estratégias da política de enfrentamento à doença dificultaram o trabalho da imprensa.

Segundo o informativo nº. 77, o último publicado desde o início da pandemia, emitido pela Organização Mundial da Saúde (OMS)⁶, até 29 de novembro de 2009, um total de 207 países e territórios haviam notificado casos confirmados laboratorialmente de influenza A (H1N1), incluindo pelo menos 8.768 óbitos. Desde então, a OMS passou a divulgar apenas o número de óbitos, sob o argumento de que muitos países pararam de contar casos individuais, principalmente os que apresentavam quadro clínico leve ou moderado. Assim, com o não-fornecimento das informações sobre os casos de vários países, qualquer estimativa poderia ser muito menor que a real situação epidemiológica.

A sistemática de monitoramento da vigilância epidemiológica mostra, neste caso, a insustentabilidade e a fragilidade do sistema de saúde, revelando, principalmente, que não há um retrato preciso – talvez as versões existentes nem se aproximem – do que realmente foi a gripe A (H1N1) no mundo e no Brasil. Os gestores dos sistemas de enfrentamento à influenza A (H1N1) trabalham com estimativas, assim como faz a OMS.

⁵ A reportagem pode ser conferida no link <http://www.youtube.com/watch?v=TaJ61miA6mM> Acesso em 20/05/2010.

⁶ Informativo disponível no site www.who.int. Acesso em 24/4/2010.



Perante esta gestão da política de enfrentamento, a atividade jornalística e, sobretudo, a observância aos critérios de noticiabilidade como precisão e veracidade são colocados em xeque. O leitor, porém, permanece desavisado. Nem a assessoria dos órgãos de saúde pública nem os profissionais dos sites jornalísticos deixam claro que o cenário apresentado é construído com base em meras estimativas. O leitor, conforme o nível de credibilidade que deposita no jornalismo, passa a tomar os fatos apresentados pela notícia como recorte de uma realidade concreta, e não estimada.

O sistema de diagnóstico da doença no Brasil também deixou amostra as lacunas da política de saúde pública. O resultado do exame laboratorial para diagnóstico específico de influenza A (H1N1) demora, em média, 72 horas. Com a demanda elevada, esse prazo chegou a ser de sete a 15 dias, variando conforme a região, na época da epidemia no Brasil em 2009. O Ministério da Saúde deixou amostra a fragilidade e a falta de preparo dos Lacen's (Laboratório Central de Saúde Pública) quando anunciou que, em virtude do grande volume de casos leves, dos quais foram coletadas amostras, o Ministério priorizaria a realização de exames para os casos graves e para os óbitos. Assim, há a possibilidade de o número contabilizado de casos ter sido maior do que o registrado e divulgado pelo Ministério.

Outra problemática identificada foi a administração do *Tamiflu* e do *Relenza*, antivirais usados no tratamento contra a influenza A (H1N1) e contra a gripe sazonal, que deve ser iniciada em até 48 horas após o início dos sintomas. Como as amostras de centenas de exames não foram processadas em tempo hábil, algumas sequer foram processadas, muitos pacientes receberam medicamento sem nem saber se, realmente, estavam contaminadas pelo vírus A (H1N1). Embora a comunidade médica alegue que não há contraindicação no uso dos antivirais, o fato é que as pessoas foram submetidas a tratamentos que podem ter sido desnecessários. Os pacientes medicados poderiam estar com um simples resfriado, uma gripe sazonal, e a distribuição massiva de antigripais poderia ter sido evitada.

Neste cenário, o desempenho da imprensa é estratégico. No exercício de mediação, os jornalistas, que atuam em diversas mídias, têm a possibilidade de produzir conteúdo dinâmico, novo e relevante, num movimento de suporte à gestão pública de



saúde que, naquele momento, precisava de meios rápidos e acessíveis para informar o cidadão.

Na área da saúde, o papel preponderante dos meios de comunicação irá se revelar nas situações coletivas, como as epidemias, quando a população se vê indistintamente ameaçada, isto é, a importância da imprensa, enquanto canal de informação/reivindicação, é mediatizada pelo caráter mais ou menos coletivo do agravo em questão, bem como pelo potencial de difusão social do problema (BARATA, 1990, p. 1).

Embasado pelo conjunto de 360 textos jornalísticos, veiculados pela Folha Online pelo e pelo G1, o artigo aborda aspectos que buscam elucidar a cobertura jornalística digital sobre a influenza A (H1N1) no período de 26 de abril a 24 de maio de 2009.

A cobertura jornalística da influenza A (H1N1) e os fatores complicantes

Os repórteres da Folha Online atuaram na apuração de conteúdo e assinaram o texto somente em 10% das matérias analisadas⁷ ligadas à doença. Na mesma tendência, os repórteres do G1 produziram diretamente 12% das matérias no mesmo período sobre a influenza A (H1N1). Algumas destas matérias são exemplos de um diferencial na cobertura: o empenho do repórter na apuração durante a construção da narrativa noticiosa, na busca de depoimentos de personagens da vida real que se mesclam com dados oficiais, tornando o relato sempre mais fidedigno.

Sabe-se que a linguagem e o *modus operandi* do jornalismo digital ainda estão em construção. Alguns autores sugerem que o jornal virtual é a expressão máxima da realidade, porque está sempre em movimento, tem cores, imagens, é global e instantâneo. Não tem prazo para fechamento. Ele se adapta às condições da experiência temporal que está sendo modificada pelas novas tecnologias. Conforme citam Muniz Sodré e Raquel Paiva, “o efeito SIG (simultaneidade, instantaneidade e globalidade) já está definitivamente inscrito na temporalidade cotidiana, abolindo todas as distâncias espaço-temporais” (PAIVA & SODRÉ, 2005, p.7).

Assim, o jornalismo digital tem como forte característica a possibilidade de intervenção do produtor de conteúdo e edição à *posteriori*. À medida que o jornalista

⁷ Foram lidas e analisadas 90 notícias do site G1, que integram a editoria “H1N1”, e 270 notícias da Folha Online, publicadas entre 26 de abril de 4 de maio de 2009. As matérias constam no CD anexo a monografia disponível na biblioteca do Bom Jesus/ Ielusc em Joinville.



opta pela suíte – jargão usado no meio impresso para definir a publicação de desdobramentos sobre um fato – também no jornalismo digital, ele oferta ao leitor a experiência de acompanhar quase em tempo real, o desdobramento dos fatos acerca de um mesmo tema.

Na cobertura da influenza A (H1N1) da Folha Online e do site G1, porém, os recursos de edição próprios da internet foram pouco utilizados. Apenas em casos isolados, o repórter aplicou, por exemplo, o *hiperlink*, que visa dar conta da instantaneidade da notícia digital, e possibilita a leitura em fluxo contínuo.

“Provavelmente uma boa razão para o descrédito contemporâneo de uma teoria da notícia se encontre no caráter coletivo, industrial da produção desse bem simbólico” (LAGE, 2001, p.50). Na internet, tal premissa de fazer jornalismo para o coletivo parece ser potencializada. Pois, ao mesmo tempo em que o consumo das notícias da rede é individual e personalizado, já que o leitor tem múltiplas possibilidades de leitura, inclusive não-lineares, o jornalista também precisa ter em mente que qualquer internauta entre os milhões que navegam na rede brasileira pode “cair” “naquele” *site* e “naquela” notícia. Mais do que nunca, a notícia deve ser escrita com tal simplicidade e concisão que permita sua compreensão a qualquer leitor, bem como deve ser atualizada sempre que necessário, dada a natureza de seu suporte midiático.

Ferrari (2003, p.54) destaca que uma das principais formas de fazer jornalismo digital é a tradução, o “empacotamento” da notícia – dos materiais recebidos de agências e assessorias de comunicação – para uma forma aceita na *web*. O hábito de sair à rua para apurar a pauta pouco integra a rotina do jornalista de um veículo digital. Aqui reside um dos problemas que visualizamos na cobertura da H1N1. O leitor, por sua vez, teve à disposição uma notícia frágil, incompleta, resultado do não uso da maioria dos recursos da rede, e que não proporciona o entendimento do real cenário que se configurou por conta da influenza A (H1N1) no Brasil e no mundo.

O fazer notícia diante da H1N1



As informações da própria Folha Online⁸ dão conta de que a rotina de produção não oferece espaço para um fazer notícia realmente elaborado, convincente e veraz:

“A Folha produz o factual, cobrindo o que acontece no dia. Vamos a entrevistas coletivas, acompanhamos candidatos, noticiamos relatórios e divulgações econômicas, usamos também agências de notícias internacionais. Além disso, a equipe de jornalistas, quando consegue algo exclusivo, também publica antecipadamente na Folha.com.”

Com a falta de incentivo para apuração *in loco*, os relatos jornalísticos dos dois sites tiveram como destaque o uso exacerbado de fontes oficiais e fontes terciárias. O site G1 e a Folha Online adotaram a construção do texto noticioso baseada, principalmente, nos conteúdos de agências de notícias. O Ministro de Saúde brasileiro, José Gomes Temporão; o diretor da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), José Agenor Álvares; e as secretarias estaduais de saúde brasileiras foram ouvidas como fontes oficiais reiteradas vezes no período analisado. As fontes oficiais ocuparam espaço em 43% das matérias analisadas no G1, e 41% das notícias da Folha Online. Não raramente o leitor era surpreendido com um *lead* cujo foco era a fala de uma fonte oficial. Vale considerar que a epidemia estava eclodindo, começando a se manifestar, e por isso havia a necessidade de buscar informações e dados em órgãos oficiais. Não podemos, porém, deixar de ressaltar que, em qualquer fase de um fenômeno, o trabalho do repórter é insubstituível, e o resultado de uma apuração responsável que busca a diversidade de vozes, inclusive de especialistas, confere mais consistência, seriedade e carga informativa à matéria. Como afirma Ricardo Noblat: “Não cabe ao jornalista transferir dúvidas ao público. Ele tem de apurar cada contradição entre as fontes, até que a incongruência de versões seja descartada e reste só um relato em que se possa confiar” (NOBLAT, 2002, p.51).

Na cobertura da H1N1, porém, as dúvidas permaneciam mesmo após leitura e releitura atenta das matérias. Os textos jornalísticos dos *sites* em questão não deixam transparecer a notícia como resultado de um processo de apuração, de investigação precisa que busca apontar as contradições, as falhas, as medidas de prevenção, enfim, a

⁸ O contato com a redação da Folha Online foi feito pelo endereço eletrônico ombudsman@folhaonline.com.br, buscando compreender a rotina de produção jornalística da redação digital. Assim, as informações contidas neste trabalho sobre a sistemática da redação da Folha Online foram cedidas pela equipe do próprio *site*.



política de saúde pública adotada pelo Brasil e pelos demais países que também registraram casos de influenza A (H1N1). O jornalismo praticado pelos sites G1 e Folha Online não só transferiu dúvidas ao leitor, como também deixou lacunas de informação, com notícias incompletas ou redundantes.

Duas das principais dificuldades dos profissionais identificadas nas coberturas do G1 e da Folha Online são a humanização do trabalho de apuração dos fatos e a construção de notícias sólidas e claras, mesmo quando “a observação ou o contato direto dão lugar a meios indiretos (*ou fontes indiretas*) de informação – o telefone, a internet, o *press-release*, o arquivo” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 96). O grau de distanciamento entre o repórter e o entrevistado é tão grande que a possibilidade de aproximação nem é cogitada, por questões geográficas e, falta de recursos ou de vontade dos gestores dos veículos jornalísticos de patrocinar coberturas mais caras e o trabalho de correspondentes especiais. Aí, o risco de desumanizar a cobertura acaba sendo muito maior.

Fragilidades e incoerências na apuração da influenza A (H1N1)

A humanização das fontes é quase uma miragem na cobertura jornalística do G1 e da Folha Online. O que se verifica na abordagem da influenza A (H1N1) pelos dois sites é o desempenho dos repórteres voltado, principalmente, para a reescrita – nova roupagem de informações oficiais, formatadas de maneira suficientemente interessante para publicação. Tal reescrita gera, principalmente, um volume de informações repetidas reiteradas vezes, que engendraram um processo de redundância da informação. Não existe um movimento de contramediação, de confronto, de investigação dos pontos contraditórios divulgados pelas fontes oficiais, pelas agências, pelos assessores dos órgãos de saúde, pelos assessores dos laboratórios farmacêuticos, e assim por diante. A redação online deixa o “trânsito livre” para a chegada de informações que, “teoricamente” – para as redações dos sites analisados – já são respaldadas porque vêm de veículos e fontes oficiais, e não requerem esforços voltados para checagem e apuração.



O trabalho é interno, acontece nas ilhas da redação, entre computadores, acesso à internet e alguns telefonemas. O hábito de sair às ruas para apurar pautas de aspectos referentes à doença e à política de saúde pública não foi rotina na redação dos jornais digitais.

Hoje, em dia, de modo geral, a informação chega à redação sem maior esforço do profissional que deve, sobretudo, distinguir e selecionar do conjunto daquele rol de informações a serem transformadas efetivamente em noticiário. Tecnologias como o telefone (*e hoje a internet, grifo nosso*) ajudaram muito a estas modificações (HOHLFELDT, 2001, p. 215).

A influenza A (H1N1) foi apresentada ao mundo como sendo um novo problema de saúde pública. O tema era palpitante, e a avalanche informacional não traduzia tudo o que leitores e cidadãos ansiavam em saber. A reportagem seria um excelente gênero a ser explorado, mesmo no ciberespaço.

O jornalismo se revitaliza com a reportagem ao mesmo que projeta em importância a notícia. A reportagem é uma notícia, mas não é uma notícia qualquer. Ela impõe ao jornalismo um avanço na medida em que só se realiza com a multiplicidade de versões, de ângulos, de indagações (BAHIA, 1990, p. 50).

Porém, as redações digitais do G1 e da Folha Online não souberam aproveitar o ‘gancho’. O assunto foi tratado com informações superficiais e incompletas e com a publicação de boletins de número de casos e de matérias permeadas por um jornalismo declaratório delineado já na abertura da notícia, no *lead*.

Lage afirma que “a reportagem investigativa tende a beneficiar-se enormemente com a difusão dos computadores que facilitam o arquivamento e a recuperação de informação” (LAGE, 2003, p. 140). Na H1N1, porém, observa-se a dificuldade dos próprios jornalistas em explorar as ferramentas do meio digital. Na rede, é possível encontrar informações importantes sobre as políticas de saúde adotadas em outros países⁹, no intuito de traçar um comparativo com a política adotada no Brasil. Uma pesquisa que não requer grandes investimentos, mas sim um pouco mais de tempo,

⁹ A comparação entre as políticas de saúde pública de três países: Brasil, México e Estados Unidos, no movimento de enfrentamento à doença, é apresentada no primeiro capítulo da monografia “H1N1: o fazer notícia. A cobertura jornalística pelos sites G1 e Folha Online”, que embasou este artigo, e está disponível na biblioteca da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/ Ielusc, de Joinville (SC).



de atenção, de investigação. E nem sempre o *newsmaking*¹⁰ oferece ao repórter essa liberdade de mergulhar em um dado tema, investigar suas particularidades e ofertar ao leitor uma versão que não se coloque apenas como um relato fiel, mas também como o reflexo de critério, valores e métodos de pesquisa que as tornaram possíveis.

A reportagem, portanto, apresenta-se como alternativa para os jornalistas empreenderem uma jornada de pesquisa que realmente atenda às necessidades de informação do seu público, mas exige mais cuidado em todo o seu processo de elaboração.

Aí o que prevalece é a convicção de que, se (os jornalistas) pretendem realmente, servir ao público, observando os fatos da perspectiva que interessa a esse público, repórteres não podem se limitar a reproduzir discursos de poder cada vez mais unilaterais e até mesmo cínicos – mera expressão de interesses. Também não é solução contestar essas falas com desgastadas figuras retóricas, no modelo publicista, ou mediante análises de discurso, em nada conclusivas. O que é necessário é oferecer ao público informação objetiva que consulte suas necessidades e desejos (LAGE, 2003, p. 145).

A Folha Online publicou, em 28 de abril de 2009, reportagem especial¹¹ sobre o poder de propagação do vírus A (H1N1). Porém, a reportagem na íntegra não estava disponível para todos os internautas, apenas para assinantes da Folha de São Paulo e do UOL. O acesso à informação é limitado a quem paga por ela. Ainda que se trate de uma estratégia de mercado, já que a notícia é produto e quem paga tem seus privilégios, pode-se questionar esse tipo de restrição quanto ao acesso à informação em um cenário onde uma questão de saúde pública estava configurada. “O direito à informação é considerado, na perspectiva da construção de uma consciência sanitária crítica, que permita aos grupos sociais agirem diante de situações de ameaça potencial à saúde” (BARATA, 1990, p.3)

A cobertura jornalística da influenza na esfera digital

¹⁰ A teoria do *newsmaking* trabalha, entre tantos outros temas possíveis, com estudos sobre *gatekeeping* ou filtragem da informação, e vinculado, portanto, às rotinas de elaboração e difusão da informação, às condições de trabalho, à conduta dos profissionais da redação e ao sistema de propriedade dos meios de comunicação. Segundo Antônio Hohlfeldt, um dos estudiosos da hipótese, o *newsmaking* agrupa as de rotinas variáveis e suas causas motivacionais “em dois grandes blocos: a) cultura profissional dos jornalistas, genericamente considerada e b) a organização específica do trabalho e dos processos produtivos da informação, em suas relações e conexões, consideradas em cada veículo em especial” (HOHFELDT, 2001, p. 207).

¹¹ A reportagem pode ser conferida no link:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u557265.shtml>



O caráter hipermediático da internet¹² exige que o jornalista reinvente as formas tradicionais de contar histórias. É preciso incluir nas matérias elementos mais atrativos do que grandes blocos de textos. E nesse modo digital de fazer notícia, “os jornalistas precisam procurar palavras para certas imagens, recursos de áudio e vídeo para frases, dados que poderão virar recursos interativos e assim por diante” (FERRARI, 2003, p.48).

E, embora exista um excesso de informação, com avalanches de conteúdo e programação apresentadas nos mais variados formatos, “a informação jornalística (ainda) é produto de primeira necessidade sem o qual o homem moderno não consegue gerir sua vida produtiva. É uma forma de conhecimento e um serviço público essencial” (LAGE, 2003, p. 174).

Mesmo perante essa necessidade e demanda, não vimos no portal G1 nem na Folha Online, durante a cobertura do H1N1, uma preocupação editorial com a etapa de apuração, considerada basilar para o conteúdo que chegará ao leitor. A notícia se constrói a partir do processo de apuração, por isso, o compromisso do repórter na etapa da apuração, da entrevista, da pesquisa de dados, testemunhos e explicações representa a sua postura pró-ativa perante a responsabilidade social da profissão, de trazer à tona os elementos mais elucidativos e novos a respeito daquele tema possibilitando ao leitor uma interpretação alternativa, um outro olhar sobre um mesmo fato que se configura no seu dia-a-dia.

Durante o momento da entrevista, a formulação das perguntas pelo repórter é determinante para a devolutiva, a resposta que passa a constituir a notícia e a partir daí começa a circular “como se fosse confiável” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 101). Para tanto, é mais do que necessário um envolvimento do jornalista com o assunto que está em pauta e com as fontes que estão disponíveis para fornecer informações.

Na cobertura da H1N1, visualizamos com facilidade o uso recorrente, de falas e informações extraídas de entrevistas de opinião ou ideias e de coletivas. Além disso, muitas matérias são abertas, têm como gancho já no *lead* um trecho, uma decisão, uma

¹² A internet começou a ser concebida nos tempos da Guerra Fria, em 1969, pela organização de defesa norte americana Agência de Pesquisa e Projetos Avançados, que criou a Arpanet, a fim de garantir a comunicação emergencial das bases militares dos Estados Unidos em caso de ataque. A criação da rede NSFNET pela Fundação Nacional de Ciência (NSF), em 1986, possibilitou a conexão entre pesquisadores de todo o território dos EUA. Em 1990, a rede já conectava mais de oitenta países. A criação do ambiente gráfico World Wide Web e a popularização da rede possibilitaram a evolução do jornalismo na internet. “Para dar uma dimensão do crescimento da internet, o número de computadores conectados ao redor do mundo pulou de 1,7 milhão em 1993 para 20 milhões em 1997.” (FERRARI, 2003, pg. 17).



opinião do entrevistado ou do órgão que ele representa. Trata-se, sobretudo, de uma decisão do repórter, que opta em destacar a fala da fonte. É curioso observar que, nem sempre o repórter teve contato direto com a fonte. Muitas vezes, o jornalista pode até fazer um uso indébito daquela fala, porque não foi ele que conduziu e acompanhou a entrevista. O conteúdo da entrevista chega pronto, empacotado pela assessoria ou pela agência de notícias, e ainda assim vira gancho para *lead*, como é possível conferir nas matérias analisadas¹³. A redação da Folha Online demonstra, pelo menos nos *posts* analisados, uma despreocupação com a apuração direta da informação, e não se atém ao cuidado de evitar que o jornalismo declaratório se transforme em rotina.

O trabalho do repórter é minimizado, e suas principais atribuições são apenas a construção do texto noticioso, sua formatação e publicação. O caminho da busca, da apuração é facilmente transposto, à medida que o conteúdo que chega até a redação via agência, assessoria, entrevista coletiva, notas oficiais. A mediação oficial impera, e o conteúdo final é resultado de um trabalho muito mais interno, voltado à adequação do estilo textual ao suporte da internet.

A não pluralidade das fontes na cobertura da H1N1 é fator intrigante aos olhos de qualquer leitor mais atento e crítico. Parece realmente que o “controle remoto” de Kucinski¹⁴ (1998) foi acionado pelas fontes oficiais. As falas das autoridades de saúde estão sempre em destaque. Não há um movimento expressivo de contramediação capaz de se sobressair. As atenções estão voltadas somente para os desdobramentos que os representantes dos governos querem apontar.

Segundo a pesquisa quantitativa, as fontes oficiais aparecem 169 vezes nas 90 matérias analisadas do site G1, e 730 vezes num universo de 270 publicadas pela Folha Online. Em contraponto, os especialistas figuram cinco vezes nas notícias do G1 e 24 vezes na Folha Online. E quando procurados, a maioria dos especialistas que se manifestaram estavam vinculados às instituições de saúde do governo, integrando também o conjunto das fontes oficiais, e atuando como replicadores do discurso do governo no que concerne à saúde pública.

Assim como o repórter exerce influência sobre o entrevistado, a fonte também pode surpreender com seu desempenho. Segundo Bernardo Kucinski, citado por Pereira Junior, há três grandes tipos de “controle remoto” promovido pelas fontes:

¹³ As matérias analisadas integram a pesquisa monográfica intitulada “H1N1: o fazer notícia. A cobertura jornalística pelos sites G1 e FolhaOnline”, título disponível na biblioteca do Bom Jesus – Ielusc.

¹⁴ Bernardo Kucinski, em “A síndrome da antena parabólica – Ética no jornalismo Brasileiro”, publicado em 1998, faz um estudo sobre o poder que as fontes exercem no processo de elaboração da notícia.



a) cumplicidade, o vírus da proximidade com as fontes; b) oficialidade: o jornalismo declaratório que se limita a repercutir opiniões de empresários, autoridades, artistas, priorizando a versão, não os fatos em si; c) agendas de consenso: quando os repórteres e veículos embarcam em balões de ensaio plantados na mídia para autojustificação de ações governamentais (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 105).

A atuação dos repórteres da Folha Online e do site G1 é uma amostra da tendência que parece acometer os repórteres das redações digitais ao passo que deixaram adormecer o papel investigativo, tido como uma das maiores marcas da notícia bem feita, do jornalismo sério e competente. O profissional que antes questionava, contrapunha fatos e argumentos, buscava a polifonia, hoje se coloca como refém do ritmo de produção jornalística das redações digitais. Não visualizamos na cobertura em questão, a postura habitual de um repórter que deveria conduzir à investigação detalhada sobre o fato, suas relações com o contexto e as implicações do tema na sociedade.

Na cobertura da H1N1 pelos sites G1 e Folha Online, o procedimento de apuração e de análise da potencialidade da pauta aconteceu, respectivamente, em 12% e 10% das matérias analisadas. Na maioria das notícias, os conteúdos prontos se convertiam em publicações fáceis, resultando em um volume imenso de *posts*, minimizado pela falta de qualidade nas informações.

Conforme Bahia, “nem tudo o que é apurado é publicado, a notícia passa por um natural processo de seleção que tem por finalidade ajustá-la a hierarquia da difusão” (BAHIA, 1990, p. 42). Na cobertura analisada, os elementos de interesse – novidade, importância, oportunidade e repercussão –, que deveriam ser verificados após a apuração do repórter e o recebimento de um material de assessoria/agência para decidir pela publicação ou não, foram esquecidos ou raramente usados. O axioma “nem tudo o que é apurado é publicado” parece começar a perder sua validade, principalmente, no jornalismo do ciberespaço, onde o conceito de instantaneidade pressiona a publicação de conteúdo de tempo em tempo, em intervalos cada vez mais curtos, resultando na perda da qualidade da informação e num descrédito da atividade jornalística.

O que vislumbramos na cobertura da H1N1, apesar do grande volume de informações sobre a doença, inclusive na internet, foi o movimento inverso daquilo que o axioma dita. Os jornalistas dos portais analisados, ao terem acesso facilitado a todas



estas informações disponíveis na rede, eximiram-se da responsabilidade de executar todas as etapas de apuração de uma notícia, e publicaram, em sua maioria, matérias recheadas de dados e declarações idênticas àquelas que vieram das agências de notícias, dos *press-releases*. Uma transcrição irresponsável de um material que veio pronto, empacotado para publicação. Sem elaboração da pauta, sem pré-produção, sem produção. Apenas pós-produção.

O trabalho do repórter é não deixar nenhuma pergunta sem resposta, fornecendo a visão mais ampla e precisa do fato ao leitor. Para tanto, o repórter deve primar pela exatidão e qualificação dos fatos, bem como pela escolha de fontes idôneas. O repórter é o responsável também pela “tarefa subjetiva de considerar o que é relevante, oportuno, veraz, credível, correto, útil, interessante” (BAHIA, 1990, p.58).

Apesar do baixo rendimento na cobertura, a função do repórter permanece sendo o trunfo do jornalismo para fortalecer sua credibilidade. O ciberespaço instaurou na sociedade facilidades no acesso às informações e na produção e disseminação de conteúdos. Mais do que nunca, o papel do repórter deve se firmar com uma função instrumental de denotação operacional, “marcada por tarefas contingentes como a de *apurar* e a de selecionar mediante critérios técnicos”, e testemunhal de denotação contemplativa, “incumbido de captar e difundir dados ou observações” (BAHIA, 1990, p.57).

De acordo com Kucinski (1998) existem dois tipos de perfil jornalístico. O primeiro deles pratica o jornalismo objetivo e ‘neutro’, distante dos eventos que relata e dos temas que aborda. O segundo, mais raro, é o jornalismo efetivamente engajado, que veste a camisa e promove causas. Quando este último acontece, a verdade na notícia está mais próxima de se consolidar. É com a atuação de um jornalista observador e, ao mesmo tempo, suficientemente crítico, que a verdade ganha mais chances de ter contornos certos e precisos no jornalismo.

Na cobertura da H1N1, a imprensa digital concedeu aos fatos que se desenrolavam aqui e no exterior alto grau de relevância, e se apropriou da incerteza que pairava no ar entre os receptores para produzir e reproduzir uma avalanche informacional – nem sempre com conteúdo novo e importante o suficiente para sanar o nível de incerteza e a carência de informações.

Faz-se cada vez mais necessário que o jornalista tenha um perfil que o instigue a empreender pesquisas, a se inserir nos espaços onde os acontecimentos e fatos estão se configurando, a buscar outras vozes que possam falar sobre o mesmo

